

Avante!

Biblioteca

Ano 45 — Série VII — N.º 56
2 de Maio de 1975

NÚMERO ESPECIAL
Preço 4\$00

CENTROS

ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço

Avante!

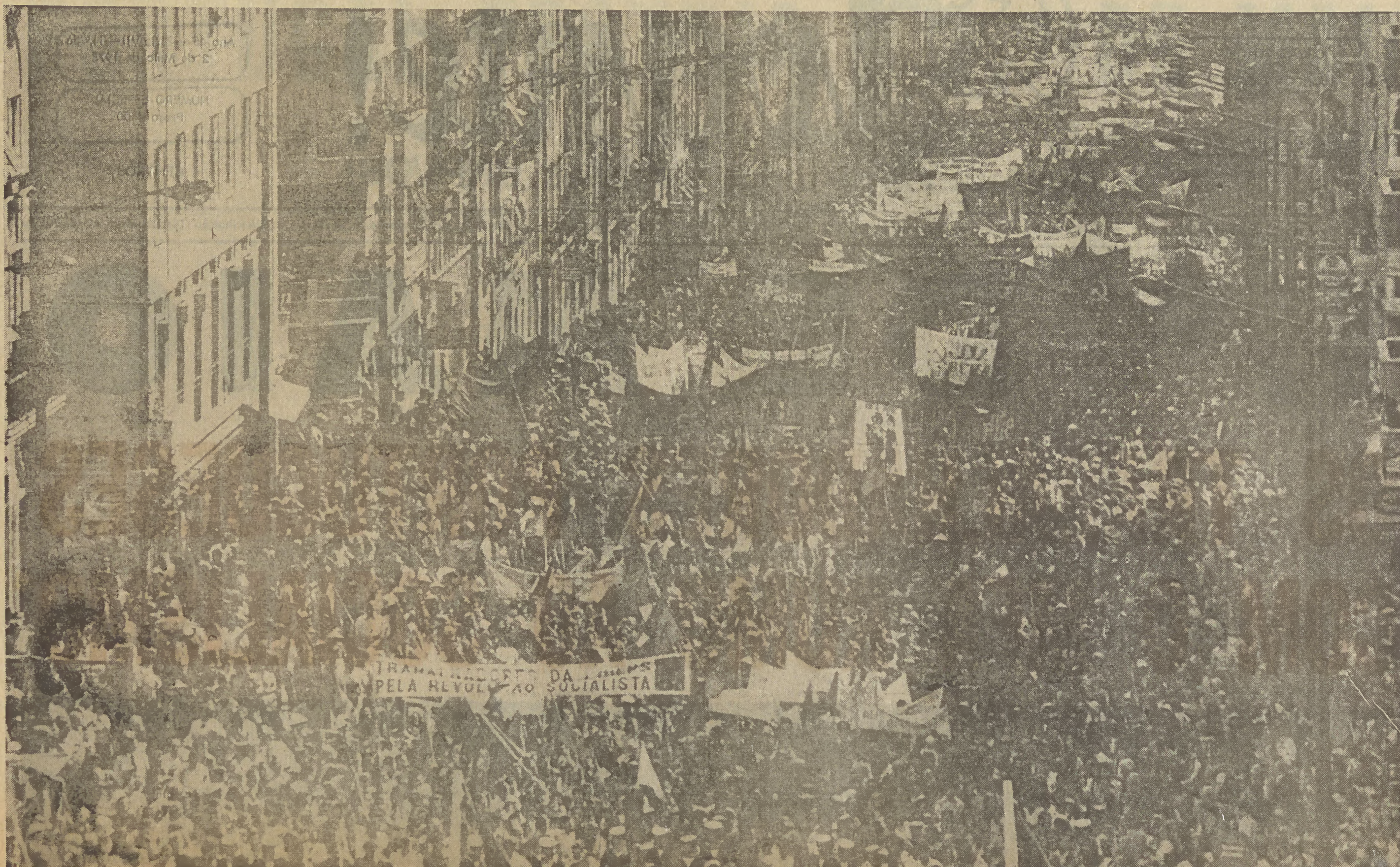
Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Propriedade do Partido Comunista Português * Red. / Adm. - Av. Santos Dumont, 57-3.º - Tels. 769705-769744-769751-779828 * Imp. e Comp. - Soc. Nac. de Tipografia, S. A. R. L. * Distribuição - Distribuidora «O SÉCULO»

1.º DE MAIO

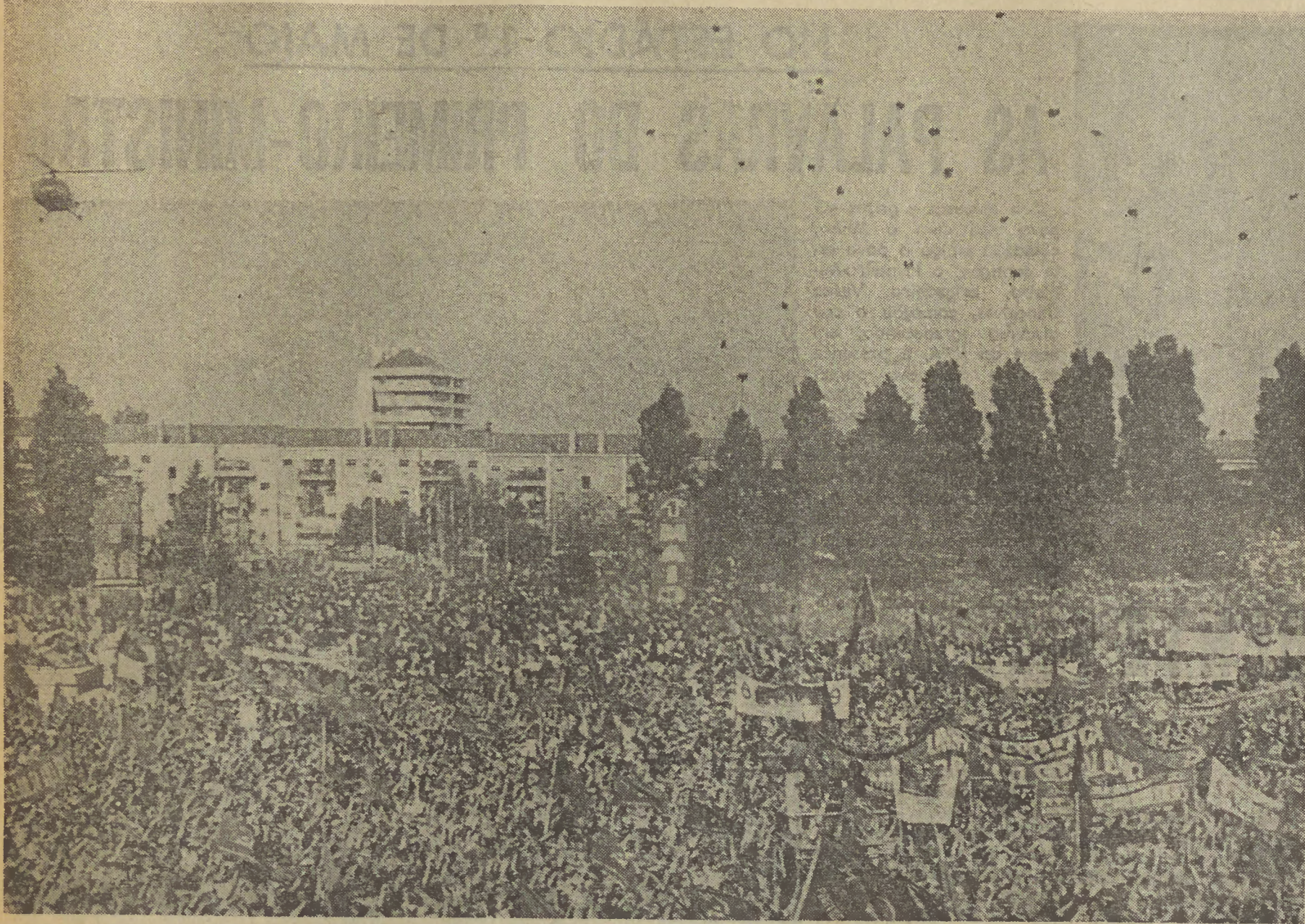
OS TRABALHADORES PORTUGUESES COM O MFA RUMO AO SOCIALISMO





AVANTE RUMO AO SOCIALISMO





Do céu desce uma chuva de flores. Cada vez mais densa, cada vez mais rubra: é o bombardeamento mais pacífico, mais belo, mais vermelho, mais revolucionário, mais português da História da Humanidade

O 1.º DE MAIO EM LISBOA

OS CRAVOS VERMELHOS DE ABRIL FLORIRAM ONTEM MAIS RUBROS

Foi um 1.º de Maio digno da Revolução Portuguesa. Um 1.º de Maio cujo eco deu a volta ao Mundo, chegou a todos os países cujos trabalhadores nos enviaram o abraço fraterno da solidariedade proletária. Uma festa como Portugal não vira outra no género.

Há um ano tivemos o 1.º de Maio da esperança, da alegria pela liberdade reconquistada. Agora tivemos o 1.º de Maio da confiança, da certeza na vitória final. A confraternização entre o povo e o MFA em Maio de 74 era ainda o resultado da euforia do 25 de Abril, uma convergência que avançava para um futuro desconhecido. Ontem tudo era diferente. As duas componentes definiram-se ao longo de sucessivas batalhas contra a reacção, o movimento popular de massas e o MFA travaram e venceram combates difíceis contra o inimigo comum. Em 1974 as palavras de ordem eram democracia e liberdade, o objectivo imediato a destruição das estruturas fascistas e a descolonização. Agora o fascismo foi destruído, a descolonização é uma realidade, o objectivo é a construção de uma sociedade democrática a caminho do socialismo.

A aliança entre o povo e o MFA lançava então as primeiras e sólidas raízes. Na grandiosa manifestação promovida pela Intersindical, as delegações estrangeiras que nos visitavam compreenderam que essa aliança é inquebrantável. Mas ficou igualmente claro, de uma vez por todas, que os trabalhadores que aclamaram o MFA, que os destacamentos do movimento popular de massas que encheram a transbordar o Estádio 1.º de Maio, que a massa operária que se pronunciou em uníssono pela unidade e se identificou com todos os apelos e palavras de ordem da Intersindical e do MFA tem uma vanguarda revolucionária: o nosso Partido. A festa foi unitária. Não teve carácter partidário. Mas um comício de trabalhadores, quando é autêntico, é sempre um comício comunista. O 1.º de

Maio de 1975 confirmou essa evidência. Nos tempos do fascismo, nos duzentos anos da clandestinidade foram sempre os comunistas quem comemorou o Dia Internacional do Trabalho, desafiando a repressão da ditadura fascista. Mantiveram a tradição no Portugal democrático e revolucionário. Comparecendo massivamente demonstraram o obvio, isto é, que a dinâmica do processo revolucionário e a natureza das suas forças motoras não foram alteradas em nada pelo resultado das eleições para a Constituinte.

As nossas bandeiras inundaram o Estádio. As nossas palavras de ordem foram as palavras de ordem dos trabalhadores.

A vitória é difícil, mas é nossa!

Cravos e solidariedade

Faltam poucos minutos para as 18 horas. Antero Martins, da Intersindical, saúda as delegações estrangeiras. Os trabalhadores aplaudem. É uma solidariedade que brota espontânea dos seus peitos. O Estádio explode numa ovação interminável quando o Chile é citado. O Chile vencerá! grita a massa, com os braços erguidos, inclinando as bandeiras. Uma, duas, muitas vezes, esse instante de comunhão revolucionária e proletária se repete. Com mais força, com mais entusiasmo, com mais calor, quando é anunciada a presença de representantes dos trabalhadores da União Soviética e do Vietnã. Eles são a presença viva de revoluções vitoriosas, forjadas por dois povos que, em condições muito diversas, souberam abrir caminho para o socialismo a golpes de heroísmo. A classe operária portuguesa sabe que em Moscovo, em Hanói e em Saigão, finalmente livre, os trabalhadores soviéticos e vietnamitas também pensam nela no Dia Internacional do Trabalho, também estarão aclamando a Revolução Portuguesa.

Quatro helicópteros sobrevoam baixo o estádio, em evoluções lentas. Nas portas abertas há homens fardados que acenam ao povo. As carlingas estão

flocidas de vermelho. As cabeças voltam-se para o alto.

MFA! MFA! MFA!

E do céu desce uma chuva de flores. Cada vez mais densa, cada vez mais rubra. Caem do firmamento azul cravos vermelhos sobre o estádio dos trabalhadores revolucionários. Um estádio onde em cada metro tremula nas mãos fortes da classe operária uma bandeira vermelha do nosso Partido, uma bandeira comunista. É o bombardeamento mais pacífico, mais belo, mais vermelho, mais revolucionário, mais fraterno, mais português da História da Humanidade.

O povo está com o MFA! O povo está com o MFA!

Torna-se difícil entender as palavras de Antero Martins.

A massa repete as três letras: MFA! Grita Vitória!

Não é o mesmo clamor de 74. A sigla é a mesma. Mas o que era gratidão transformou-se em fraternidade. Os trabalhadores identificam-se plenamente com os seus irmãos de uniforme que lhes atiram cravos.

E o Oteló! Na porta! Ali! Vitória! Vitória!

O povo aplaude, comenta, recorda o 28 de Setembro, o 11 de Março, as lutas das duas componentes contra a reacção, as conquistas difíceis, a nacionalização da banca, o papel dos companheiros de armas, firmes no desafio aos monopólios e ao latifúndio, intransigentes no combate aos inimigos da Revolução.

As últimas palavras do representante da Intersindical são continuadas por um clamor: «Socialismo sim! Vigarice não!» É uma resposta a todas as manobras oportunistas, a todas as provocações, a todos os pescadores de águas turvas que tentaram dividir os trabalhadores e boicotar a unidade sindical. Os vivos à Intersindical valem por um referendo popular, por uma demonstração massiva de confiança na central operária portuguesa e no Conselho da Revolu-

ção que acaba de reconhecer a personalidade jurídica.

A festa do Trabalho é também uma advertência a todos aqueles que, jogando com palavras e manipulando situações, alimentam ainda a ilusão de que poderão dividir e confundir os trabalhadores.

Avante! Avante! Rumo ao socialismo, é o grito que sai das gargantas já enrouquecidas pelos vivas e saudações.

Socialismo sim, vigarice não!

O Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves é recebido com uma das maiores ovações da tarde. A massa nota que se refere ao ex-general Spínola com palavras duras que correspondem ao que o povo sente. «Está a chamá-lo «traidor e criminoso», diz um operário da Lisnave para os seus camaradas. É o que ele é.»

Há gente que sai do estádio. São burgueses a quem não agrada talvez o tom do primeiro-ministro.

Mas os claros são preenchidos por colunas compactas de militantes comunistas com as suas bandeiras desfaldadas. É uma oportunidade de assistir mais de perto à manifestação oferecida aos que não haviam conseguido entrar.

Falando no seu estilo habitual, com rude franqueza, como trabalhador do MFA dirigindo-se à massa trabalhadora, o brigadeiro Vasco Gonçalves pede coesão e unidade em torno dos objectivos revolucionários. Destaca a importância decisiva da batalha da produção, a necessidade de mais unidade ainda contra todos os inimigos da unidade, contra todos os divisionistas e provocadores. Liga os apelos ao trabalho revolucionário, às críticas, à reacção e aos fantoches da ultra-esquerda.

São palavras e exortações que entram no coração do povo, que os trabalhadores entendem.

A multidão responde: O povo está com o MFA!

E o Primeiro-Ministro insiste nos temas da unidade e da vigilância, no trabalho revolucionário, na responsabilidade como componente fundamental

do autêntico «contrôle» operário.

«O MFA, afirma, não faz demagogia, não mente ao povo.»

Os trabalhadores concordam, aplaudem, repetem em coro: MFA, MFA, MFA!

«Ele tem razão — desabafam camaradas alinhados sob uma imensa e original bandeira comunista em que se lê: «Junta a tua à nossa voz... E o sol brilhará para todos nós» — Partido Comunista Português. — Ele tem razão, camaradas, é realmente da massa trabalhadora que depende a nossa liberdade!»

Na Festa do Trabalho, na festa da solidariedade proletária, os trabalhadores de Portugal aclamam a responsabilidade na batalha revolucionária da produção. São ainda vítimas do capitalismo, mas sentem que começam a ser criadas as condições para que sejam os arquitectos do futuro, os construtores do socialismo.

O dia, a atmosfera, o júbilo pelas vitórias alcançadas, a certeza de lutas cada vez mais difíceis, a

raiva popular suscitada pelo jogo equívoco da burguesia explicam a mistura constante de vivas e vaias, de aplausos e advertências aos adversários directos e encapotados da Revolução.

Socialismo sim, vigarice não! E sempre, a cada instante, numa tempestade de braços erguidos, de bandeiras desfaldadas: «O povo está com o MFA!»

Nove entre cada dez bandeiras são do PCP. É uma manifestação de trabalhadores. A festa do Trabalho. Uma festa, portanto, em que o nosso Partido está presente em força. Há no estádio uma disciplina revolucionária espontânea que resiste a tudo. Ao calor, à longa espera, à tensão resultante da campanha eleitoral e da exploração demagógica

dos seus resultados. Durante horas, a multidão cantou, exprimiu a todo o momento a sua fé no avanço da Revolução. Agora escuta, mas aproveita também cada oportunidade para extravasar os seus sentimentos mais profundos, para se identificar com o MFA, para vaiar a reacção e os seus aliados e instrumentos.

Os trabalhadores, com o seu instinto de classe, nunca acreditaram que uma revolução possa ser explicada e menos ainda avançar através da aritmética do voto mal interpretada.

E a referência às eleições que todos esperavam chegar, finalmente, numa definição muito clara do Presidente da República. Quando o general Costa Gomes diz, com o ar das coisas evidentes, que fo-

ram o povo e o MFA quem ganhou as eleições e não partido algum, é saudado com uma das mais quentes, mais prolongadas, mais vibrantes ovações deste 1.º de Maio confiante mas nervoso, voltado para o amanhã, mas naturalmente marcado pelo entusiasmo impaciente de trabalhadores que conhecendo as suas energias e a sua vocação revolucionária não aceitam que dentro e fora do País, queiram transformá-los em massa de manobra de uma burguesia de máscara socialista.

O comício-manifestação termina como havia principiado. Com vivas ao MFA, à aliança do povo com as Forças Armadas. Com estentóres «Abaixo a reacção!» Soldados, marinheiros, trabalhadores, abraçam-se, cantam o hino nacional entre bandeiras vermelhas e bandeiras rubro-verdes.

«Camaradas, lutemos unidos, porque é nossa a vitória final. Todos juntos, numa só torrente, na cidade, no campo e no mar. Camaradas, lutemos unidos...»

Cravos nos peitos, na boca dos fuzis, nas Chalmitas, no foinho dos helicópteros.

O povo canta a vitória, canta o avanço da Revolução. Os trabalhadores portugueses cantam a solidariedade que os une aos trabalhadores de todas as nacionalidades. É um 1.º de Maio português. O 1.º de Maio da uma revolução a caminho do socialismo. Um 1.º de Maio que é, não podia deixar de ser, uma festa comunista.

A manifestação espalha-se pela cidade, como torrente caudalosa. Um rio de trabalhadores. Vermelho. Revolucionário. Unitário. De povo fardado e sem farda. As duas componentes formam um bloco compacto, sem uma fissura. Nada poderá detê-las, na marcha para o socialismo.

NOTA DA COMISSÃO POLÍTICA

1. A jornada do Primeiro de Maio de 1975 constituiu em todo o País uma grandiosa demonstração da organização e da força dos trabalhadores e da sua aliança com o MFA.

Os trabalhadores, festejando a sua jornada internacional, vitoriam o 25 de Abril e as conquistas revolucionárias alcançadas desde então, designadamente as nacionalizações e a reforma agrária, e expressaram a sua determinação em defender as liberdades e em participarem activamente na construção de um Portugal democrático, a caminho do socialismo.

2. A manifestação e o comício de Lisboa tiveram particular grandiosidade. Centenas de milhar de manifestantes desfilarão pelas ruas e concentraram-se num dos maiores comícios jamais realizados.

Tem profundo significado para o movimento operário português, para a luta das massas trabalhadoras e para a Revolução portuguesa em geral que, nesta grande jornada, os militares tenham desfilado junto com o povo e que, ao lado do representante dos trabalhadores e da Intersindical, tenham tomado a palavra representantes do MFA, designadamente o Presidente da República e o Primeiro-Ministro do Governo Provisório, cujos discursos constituem importante contribuição para a definição das tarefas políticas do momento.

Estes factos são um exemplo, que adquire o valor de um símbolo, do novo Portugal democrático a caminho do socialismo.

As jornadas do Primeiro de Maio reforçaram o papel da classe operária e de todos os trabalhadores na vida política nacional. Reforçaram também a aliança Povo-MFA, que, na sua dinâmica, torna irreversível o processo revolucionário.

3. O PCP lamenta os incidentes provocados no comício de Lisboa pelo Partido Socialista, procurando, embora sem êxito, boicotar os discursos e impedir o desenrolar da grande festa dos trabalhadores.

Num momento em que se impõe o reforço da unidade de todas as forças que desejam lutar pela democracia e o socialismo, uma tal conduta não serve de forma alguma os interesses e a unidade dos trabalhadores, a cooperação entre as forças democráticas, a aliança Povo-MFA e a jovem democracia portuguesa.

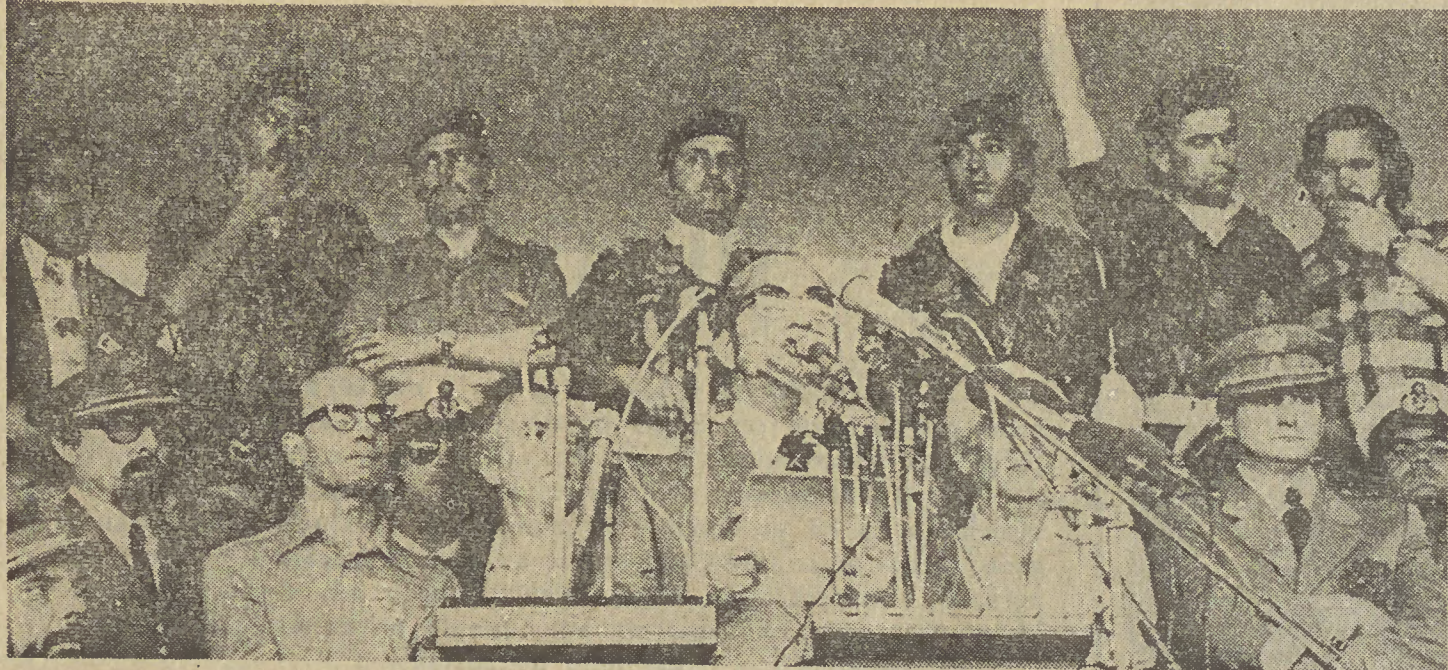
A definição clara dos verdadeiros objectivos das forças políticas e dos termos e formas de cooperação é essencial para o prosseguimento da política em curso.

Apesar das dificuldades e contradições do processo, nada conseguiu destruir a unidade do povo trabalhador e a sua aliança com o MFA.

1 de Maio de 1975

A COMISSÃO POLÍTICA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS





NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO

AS PALAVRAS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Mulheres e homens de Portugal.

A liberdade é a pedra angular da dignidade humana; a liberdade é o bem precioso que homens sem sono nem medo ofereceram ao povo de Portugal.

É pois uma grande alegria, digna dos trabalhadores de Portugal, alegria de, pela segunda vez, festejarmos o 1.º de Maio com plena liberdade de pensar, de sentir a nossa Pátria, e de traçar os nossos destinos.

Trabalhadores somos muitos, somos todos aqueles que, em troca de uma remuneração, oferecem a força generosa dos seus braços ou a honesta capacidade dos seus cérebros ao serviço de uma sociedade nova.

Pensamento e acção são duas realidades fecundas quando coexistem; qualquer delas quando isolada é um sonho que fenece estéril.

Trabalhador sem horário, sinto-me entre camaradas de trabalho, quando, mais uma vez, presto ao povo português o tributo de uma palavra amiga e fraterna.

Não poderia resistir ao impulso de me referir às eleições, sobretudo porque iludiria um dever e uma esperança generalizada.

Nas eleições os grandes vencedores foram o povo e a sua aliança com o MFA, o Portugal renovado em transição para o socialismo.

Podem os intelectuais puristas discutir se o povo votou exactamente o que quereria, mas nem os puristas podem negar que o povo declarou vigorosamente o que não queria: o Portugal de hoje não aceita extremismos, sejam eles das direitas, sejam eles ultra-esquerdistas.

É uma tentação referir aqui, na comunicação que fiz antes das eleições, sublinhei que o povo português sempre decidira com uma consciência intuitiva mais válida do que a de elites amolecidas, e frisei bem quanto acredito no progressismo empírico do povo que somos. Nestas eleições, em civismo classificá-lo-ia de óptimo e em intuição de excelente.

Como o nível de exigência é diferente não daria a mesma classificação a todos os que se consideram entidades políticas em Portugal.

Nestas eleições, na opinião pública mundial que subscrevo, são a maior vitória da Revolução, o selo de ouro que garantiu a proclamada aliança Povo-MFA, confirmou a política de descolonização e sancionou o rumo do socialismo para o Portugal novo.

Perdoai a imagem de militar que sempre serei: quem ganha uma batalha passa à exploração do sucesso sem se preocupar em minimizar a vitória só porque entenda diminuta a instrução das suas tropas.

Mesmo que a informação pública mantenha a tónica de tecer extrapolações a partir de casos individuais de ignorância total da ciência política, manterei firme a minha fé na intuição magnífica do

terá de enfrentar: educação e economia.

Em educação, colocam-se dois problemas distintos:

— A necessidade de realizar uma revolução cultural que, em todas as

— Vazios angustiantes na legislação e princípios que regem a autoridade democrática de um sistema de produção;

— Inevitáveis alucinações de alguns homens sequiosos dos seus direi-



povo que votou no progressismo autêntico e livre dos seus filhos fardados — no progressismo do MFA.

Não considero esgotado o assunto eleições sem uma outra referência justa.

Recordemos a genética quando em leis define que nas espécies vivas existem percentagens menores de indivíduos que se afastam dos caracteres dominantes e constituem franjas limites na curva da distribuição.

Também nas sociedades humanas haveremos de reconhecer formações políticas limites nos dois extremos da distribuição, correntes de opinião menos viáveis, mas que haveremos de respeitar enquanto, reciprocamente, saibam respeitar a sociedade a que pertencem.

Nestas eleições, quem pode negar que haja sido digno o comportamento dos bilaterais extremismos políticos portugueses, no momento em que acima de todas as ideologias colocaram a ordem e a tranquilidade do povo a que pertencem?

Feliz é a sociedade que tem franjas mas não formações políticas violentas e aberrativas.

Já vai longe a dissertação sobre eleições, vejamos agora os problemas maiores que a Revolução

classes actuais, crie uma vocação voluntarista para a sociedade portuguesa sem classes, sem ricos nem pobres, sem privilegiados nem explorados, para o socialismo português;

— A necessidade de mentalizar os nossos jovens para o facto de que já estamos nos caminhos que conduzem à sociedade nova.

Tempos houve em que foi prioritária a sua luta política e se justificou o abandono dos livros, das aulas, dos estudos. Tudo mudou já. Agora estudar os mais aptos, os mais voluntariosos e dedicados, os futuros trabalhadores do pensamento; os outros devem passar à acção, contribuindo com a força do seu braço no desafio grande de produzir riqueza directa, socialmente útil.

Apesar da explanação que o sr. Primeiro-Ministro fez, não deixarei, em todo o caso, de abordar o essencial da batalha da economia.

Da total transformação dos princípios e rotinas capitalistas no rumo de uma distribuição justa da riqueza produzida para benefício das classes sem privilégios, salientam-se algumas consequências:

— Turbulência instável nas relações empregador-

tos, tanto trabalhadores como capitalistas.

Deste e doutros fenómenos resultou carência de meios e de confiança para investir, enquanto vivemos perigosamente acima dos nossos rendimentos, numa economia estagnada.

A vitória da batalha económica vai exigir-nos mais sacrifícios, mais esforços, mais produtividade, mais disciplina e mais autoridade democrática no trabalho.

Vou terminar.

Neste segundo ano da Revolução Nacional, festejemos o 1.º de Maio, na grande festa do trabalho e das Forças Armadas.

Saúdo os trabalhadores de todas as actividades, saúdo os militares de todos os ramos.

Bem hajam os trabalhadores estrangeiros que por simpatia ou dever de função se deslocaram a Portugal, para viver connosco esta festa grande.

Bem hajam os emigrantes, as mulheres e os jovens aqui presentes na festa nacional do trabalhador português.

Viva a aliança Povo-MFA;

Viva o trabalho e os trabalhadores;

Viva Portugal.

NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO

AS PALAVRAS DO PRIMEIRO-MINISTRO

Sob aplausos e gritos «O povo está com o MFA», «Soldado amigo o povo está contigo», o Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, começou o seu discurso agradecendo, em nome do MFA, a presença solidária do povo português. «É um dia de unidade pelas vitórias alcançadas. Mas é também um dia de análise dos nossos problemas, um dia de tomada de consciência das nossas responsabilidades, para vencer os obstáculos que se nos deparam. A acção dos trabalhadores é decisiva para a libertação do povo português.»

O brigadeiro Vasco Gonçalves fez uma análise do processo português começando por se referir à crise Palma Carlos, «onde esteve envolvido o ex-general Spínola e políticos proeminentes. Derrotas das forças que queriam reduzir o 25 de Abril a simples golpe de Estado». Falou depois do 28 de Setembro, «primeiro ataque em forma de reacção», e do 11 de Março, em que «os reaccionários, que já há muito conspiravam, lançaram camaradas de armas contra camaradas de armas, o que neste momento é a maior traição que se pode cometer contra a nossa Pátria».

«Nós avançamos combatendo os nossos inimigos», acrescentou. «O 28 de Setembro permitiu a subida à Presidência da República do general de mais prestígio das nossas Forças Armadas, o homem que o Movimento tinha escolhido ainda na clandestinidade, o nosso general Costa Gomes.»

Além do 11 de Março permitir o avanço do processo, a tomada de medidas revolucionárias permitiu também o afastamento do sector spinolista, responsável por todas as tentativas de divisão dentro das Forças Armadas. O 11 de Março criou condições mais favoráveis para o Povo Português.

A campanha de boatos alarmistas, disse depois o Primeiro-Ministro, «que faziam correr que as eleições não se realizariam, teve como respostas, unicamente, a política de honra e de verdade em que o MFA está empenhado, através do cumprimento fiel do seu programa». E a prosseguir: «A nossa missão é dura. Conciliar o que parece inconciliável, resolver contradições que parecem irredutíveis, arranjar unidade onde parece haver desunião. Temos que observar a nossa realidade, descobrir soluções originais. Na História não há factos repetidos. O nosso inimigo principal é o fascismo e a reacção. Está



em causa, fundamentalmente, a nossa estrutura económica. Ela está doente; é uma herança do fascismo, que se agravou devido à sabotagem económica, à crise do capitalismo e também devido ao próprio desenvolvimento do processo revolucionário. A nossa crise económica é o obstáculo fundamental a vencer.»

E, mais adiante: «O recuperamos por nós próprios, com o nosso esforço, ou comprometeremos gravemente a marcha do nosso processo revolucionário. Da vitória na batalha da produção depende o futuro da nossa Revolução. A batalha da produção é uma etapa necessária para vencermos a crise económica e criar condições para o futuro desenvolvimento de uma via socialista. O principal papel nessa batalha da produção pertence a vós, trabalhadores! O vosso esforço, o trabalho reverterá em benefício da colectividade e não em benefício de classes privilegiadas.

«Que pede então o MFA aos trabalhadores? Coesão e unidade em torno dos objectivos verdadeiramente nacionais e em cuja definição os trabalhadores parti-

ciparão. É necessário que os trabalhadores não se deixem dividir por lutas políticas, partidárias, dentro dos seus sindicatos.»

«A vossa unidade e vosso esclarecimento político e ideológico são a base principal do passo que temos de dar no caminho da revolução, do futuro. Pedimos também aos trabalhadores lucidez em face da realidade nacional. Realismo nas reivindicações. É preciso trabalhar e trabalhar muito. As reivindicações irreais causam vítimas e aqueles que primeiro sofrem são os trabalhadores. É preciso combater ardorosamente e com determinação, com paciência e com firmeza todos os divisionistas e todos os provocadores.»

Muito aplaudido e interrompido frequentemente com gritos «MFA», o brigadeiro Vasco Gonçalves disse ainda que «é preciso um trabalho militante, revolucionário, trabalho de homens que saibam sacrificar-se pelo futuro da sua Pátria. É necessário encarar a valorização profissional como uma opção verdadeiramente revolucionária. É preciso que vos valorizeis. O Primeiro-Ministro falou

sobre o saneamento, que deve ser feito com justiça revolucionária, sem ódio, sem ambição de promoção, sem carácter pessoal e pediu aos trabalhadores exemplo de idoneidade moral e isenção em matéria de saneamento.

«Nós precisamos aumentar três ou quatro vezes a nossa produção, mas isso não se faz de um dia para outro, faz-se com trabalho aturado, permanente, consciente, com muito sacrifício para que possamos criar condições para uma distribuição do rendimento nacional mais equitativa, para que possamos satisfazer as necessidades das classes mais desfavorecidas. As empresas nacionalizadas devem ser os exemplos de rentabilidade. Seremos a geração do sacrifício, o sacrifício pela Revolução portuguesa, desde o Presidente da República até ao trabalhador mais humilde.»

O principal obstáculo neste momento é vencermos todo um conjunto de problemas que vos enunciei e que resolvidos abrem caminho para a vitória. Se vencermos a batalha da produção criamos condições para a construção da nossa Pátria, abrimos o caminho para o socialismo. A vitória está em vossas mãos. É de vós que depende a vitória.

Se ganharmos, avançaremos decisivamente no caminho da revolução. Pensem nisso, trabalhadores! Pensem com a vossa família! Pensem o que tendes vós a fazer pela vossa Pátria! Está nas vossas mãos, do sr. Presidente da República, nas mãos do nosso povo, é do nosso trabalho que depende a nossa liberdade.

«A aliança Povo-MFA vencerá deste modo o desafio.

Trabalhadores de Portugal! Vós que sois verdadeiros e sinceros camaradas do Movimento das Forças Armadas, vós que sois camaradas do nosso movimento, venceremos.

Viva os trabalhadores de todo o Mundo!

Viva os trabalhadores estrangeiros presentes que colaboraram na nossa festa de trabalho!

Viva a Intersindical! Viva os trabalhadores portugueses!

Viva o Movimento das Forças Armadas!

Viva a aliança Povo-MFA!

Viva a nossa Pátria!





UNIDOS E ORGANIZADOS



A CAMINHO DA VITÓRIA



FESTA DE TRABALHADORES FESTA DE COMUNISTAS

«Esta festa é nossa. Ou não fosse a festa dos trabalhadores!»

Não tememos o sol, nem as bichas, nem os encontros. Quando é preciso não dormimos, passando sem almoçar. Quem esteve nas barracas do 28 de Setembro e do 11 de Março não considera um sacrifício esperar horas num estádio para festejar o 1.º de Maio com o MFA. «É uma alegria.» Um comentário, entre milhares, de um trabalhador da Sorefame. Um comentário que resume o espírito da massa de militantes do nosso Partido, presente na grandiosa manifestação de ontem.

As 13 e 30 as bancadas laterais do estádio já estavam quase totalmente ocupadas. Por trabalhadores, por militantes comunistas. As 14 horas, explode no vasto recinto a primeira grande ovação. Blusas azuis, cravos no peito, os trabalhadores da célula comunista da Sagres entram no estádio. Nas faixas, o seu espírito de luta: «Aguardamos a nacionalização!»

A entrada dois painéis esguios: num, a chave e a espiga da Intersindical, no outro o dia — 1.º de Maio. O povo começou cedo a cantar, e dar vivas ao MFA. A exprimir em cada palavra de ordem a força do seu sentir revolucionário. A relembrar, na espera, o passado feito caminho para o futuro. Nas faixas e nos cedros verdes aparecem as primeiras bandeiras vermelhas com os símbolos do nosso Partido. Os altifalantes tocam a música da Rádio Portugal Livre. O povo toma-a, canta. Canta a resistência, aplaude a voz que vinha de longe, galvanizava os trabalhadores na batalha contra o fascismo.

As 14 e 30, as bancadas são uma mancha vermelha uniforme. Um bloco de trabalhadores. Um mar movediço de bandeiras.

Perto da tribuna fala-se em todas as línguas. São amigos e também adversários da Revolução Portuguesa. É bom que os inimigos estejam também presentes. Podem assistir a um 1.º de Maio como nunca viram nos seus países. A Revolução Portuguesa entrou pelo Mundo e não há mentiras e calúnias que possam esconder a verdade. A força da classe operária presente no estádio luminoso, a vontade revolucionária dos trabalhadores, a solidez da aliança entre o povo e o MFA.

As delegações estrangeiras lado a lado. São mundos antagónicos. Não os homens, mas os países, as sociedades donde são originários. O capitalismo e o socialismo nas bancadas do Estádio 1.º de Maio. E os trabalhadores portugueses apontando para o socialismo, empenhados em levar avante uma revolução que acaba com a exploração do homem, com a fome, a ignorância, o desemprego, que liberta as energias criadoras de um povo fortalecido pela certeza de que nada o impedirá de construir uma sociedade de abundância, de paz, sem monopólios, sem latifúndios, sem classes.

A vitória é difícil, mas é nossa!

A floresta de bandeiras do nosso Partido é mais compacta, mais vermelha, mais ondulante. São 15 horas.

Um grupo de visitantes estrangeiros chama a atenção na bancada central. Parecem turistas americanos em cruzeiro pelo mar das Caraíbas... Com pouca roupa, barbas à mostra, calções e blusas de mil cores. Arvoram todos o emblema do Partido Socialista.

«São socialistas holandeses — explica um jornalista americano, amigo do Povo Português, a jovens militantes da UEC. Como vocês vêem, entre o socialismo da União Soviética, o de Cuba, o do Vietnã, há o socialismo da Holanda...»

landia não há nada em comum. Apenas a palavra socialismo que a burguesia, para enganar os trabalhadores, usa abusivamente. Mas um social-democrata, seja holandês, alemão ou sueco, é sempre uma caricatura, na da mais do que um burguês.»

Uma holandesa dormita, sem sapatos, na bancada, transformada em cama. O povo protesta. A senhora acorda, mal humorada.

«O 1.º de Maio não é piquenique na praia!», grita um trabalhador.

O povo é quem mais ordena...

Boinas vermelhas, sombrinhas com a foice e o martelo, distintivos do MFA no pau das bandeiras. O povo inventa. Nos chapéus, nas bandeiras, nas palavras de ordem, nos comentários, a criatividade dos militantes comunistas está presente. Tudo serve para cobrir a cabeça na festa proletária.

Chegam informações da Alameda Afonso Henriques. «O desfile principiou», diz alguém. O nosso Partido encabeça a manifestação. A malta de Oeiras e da Amadora aguentou horas ao sol, aquilo é um mar vermelho e um entusiasmo louco.

«Camaradas, lutemos unidos, porque é nossa a vitória...»

É a primeira vez que na tarde escaldante a multidão canta.

Feliz, unida, proletária.

Chegam destacamentos do MDP e da Frente Socialista Popular, com as suas bandeiras e faixas. São calorosamente aplaudidos. Os trabalhadores comunistas saudam fraternalmente os seus companheiros de luta na batalha pela construção do socialismo.

As notas familiares, mas sempre novas, de «Grândola, Vila Morena» fazem estremecer a massa.

«...terra da fraternidade, o povo é quem mais ordena. Dentro de ti, ó cidade... o povo é quem mais ordena...»

«Grândola é comunista! Votou em massa pelo Partido! — lembra um jovem. Mas a canção é de todos os trabalhadores, de todos os revolucionários, de todos os que se batem pela unidade!»

Os portões são um lago vermelho. Por eles se engolfa um rio de bandeiras empunhadas por mãos de trabalhadores, por mãos proletárias. É um painel onde se destacam os símbolos do PCP.

Ao longe avista-se isolada uma bandeira do PPD. A única que apareceu durante o dia no estádio. Mas logo desaparece. «O partido dos patrões não tem lugar na festa dos trabalhadores», é a resposta da massa. «É aqui que se vê o que significa a tal força eleitoral do PPD», observa um operário da CP. — Assinaram a Plataforma de Acordo com o MFA, mas o que eles querem é defender os monopólios e o latifúndio e continuar a explorar-nos a nós, trabalhadores.»

Descem tarjetas brancas dos helicópteros cinzentos cuja passagem é aplaudida pelo povo. Dir-se-ia que balouçam no ritmo de «Grândola Vila Morena». São palavras de ordem do MFA. Abaixo os monopólios! Abaixo o latifúndio! Contra o capitalismo — para o socialismo! Unidade Sindical-Intersindical! Povo-MFA-Socialismo vencerá! Fora a CIA! E outras.

Rumo ao socialismo

Os trabalhadores cantam aplaudem, aclamam o MFA. O «Soldado amigo, o povo vc está contigo!» ressoa forte, envolve todo o estádio, redobra de intensidade quando dois Chaimites entram pelas portões apinhadas

dos de trabalhadores, oficiais e soldados do MFA.

Com a chegada do Presidente da República, do Primeiro-Ministro e de outros membros do Conselho da Revolução termina o prólogo do 1.º de Maio. A aliança exprime-se nos braços levantados, nas palmas, nos sorrisos, no ondular das bandeiras. A componente popular do processo revolucionário aclama a sua irmã militar. Uma coluna de oficiais das três Armas avança pelo corredor que atravessa o campo e conduz à tribuna.

Avante, avante! Rumo ao socialismo!

O calor da fraternidade proletária, da camaradagem com o MFA não pode ser traduzido nem pelas palavras de ordem, nem pelas palmas, nem pelo acenar das mãos levantadas. É algo cuja força não cabe no estádio, porque é a própria dinâmica do processo, a força de uma Revolução que transcende os homens que a estão fazendo, que constroem a História no dia-a-dia.

As palavras, os gestos, as imagens sobrepõem-se num quadro simultaneamente tempestuoso e sereno.

Colunas compactas, cordões intermináveis de gente surgem nos portões, avançam cadenciadamente. Vermelhos. Sempre vermelhos. São trabalhadores comunistas, militantes do nosso Partido, de centenas de células, empunhando as suas faixas e bandeiras. À frente uma faixa gigantesca: «Unir a esquerda — Caminhar para o socialismo — Partido Comunista Português».

O povo levanta-se. Repete as palavras que os comunistas trazem nas gargantas: Unidade! Unidade! Unidade!

Outra faixa com dezenas de metros: «Contra o capitalismo — Unidade Sindical — Partido Comunista Português».

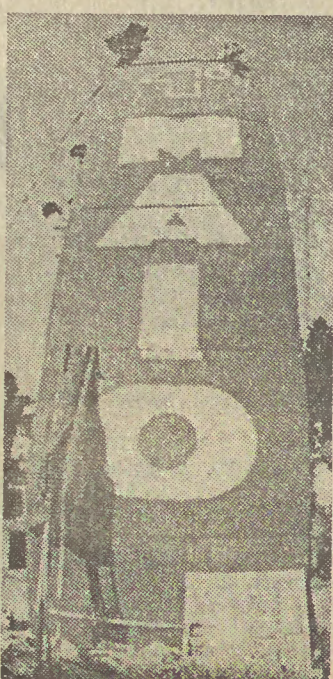
Unidade! Unidade! Unidade!

O clamor adquire também um ritmo. É ininterrupto. Muda apenas de tom. E sobe, atinge o auge, quando o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, aparece no extremo do corredor e caminha para a tribuna, acenando aos trabalhadores, sorridente, com a simplicidade de um trabalhador revolucionário.

É a primeira e única vez em toda a tarde em que os comunistas, na festa proletária, aclamam o seu Partido, vanguarda organizada dos trabalhadores, vanguarda revolucionária do povo.

PCPI PCPI PCPI

Mas logo a palavra de ordem permanente, a palavra do dia, a palavra que traduz a força e a dinâmica revolucionárias cobre, nas vozes dos comunistas e de todo o povo, o estádio: «O povo está com o MFA!»





CENTROS DE TRABALHO DO PCP

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO ALENTEJO E ALGARVE

BEJA

ALDEIA NOVA DE S. BENTO — Rua de Fora.
ALJUSTREL — Avenida da Liberdade, 50 — Tel. 62479.
ALMODÓVAR — Rua da Ferraria.
ALVITO — Largo do Castelo.
AMARELEJA — Largo General Humberto Delgado.
BALEIZÃO — Junto ao Largo Catarina Eufémia.
BEJA — Rua Ancha — Tel. 24684.
BERINGEL — Rua dos Oleiros.
FICALHO — Rua da Estrela.
BRINCHES — Antiga Creche.
CABEÇA GORDA (Beja) — Largo da Casa do Povo.
CASTRO VERDE — Rua D. Afonso Henriques, 8.
CORTE DO PINTO (Ourique).
CUBA — Rua do Carmo, 44.
ERVIDEAL — Rua 25 de Abril.
FERREIRA DO ALENTEJO — Rua Dr. Brito Camacho — Tel. 72382.
GARVÃO — (Baixo Alentejo) — Rua de Ourique.
MERTOLA — Rua Dr. Afonso Costa.
MINAS DE SÃO DOMINGOS (Baixo Alentejo).
MOIRA — Rua Conselheiro Augusto de Castro, 14-15.
ODEMIRA — Travessa 1.ª de Maio, 6-A.
OURIQUE.
PANÓIAS (Ourique).
PIAS — Rua Jogo dos Paus, 43 — Tel. 55277.
QUINTOS.
SANTIAGO, MAIOR (Concelho de Alandroal).
SANTA CLARA DE LOUREDO (Boavista).
SANTO AMADOR — Rua do Poço.
SERPA — Junto ao Jardim Público.
SOBRAL DA ADIÇA (Moura) — Rua da Ribeira.
VALE DE VARGO — Rua Nova.
VIDIGUEIRA — Largo D. Violante.
VILA NOVA DE BARÓNIA — Largo Dr. João da Silva Góis.

ÉVORA

ARRAIÓLOS — Praça Lima e Brito.
BENCATEL — Rua General Humberto Delgado, 22.
BORBA — Rua do Mestre Diogo de Borja.
CABEÇÃO — Bairro João Lopes Aleixo.
ESTREMOZ — Avenida 5 de Outubro, 19.
ÉVORA — Praça Luís de Camões, 14, 1.ª — Tel. 23004.
LAVRE (Montemor-o-Novo) — Rua Cândido dos Reis.
MONTEMOR-O-NOVO — Rua de Avis, 2 — Tel. 82238.
MORA — Rua Nova, 61.
NOSSA SENHORA DE MACHEDE — Junto à Junta de Freguesia.
REQUENÇOS DE MONSARAZ — Campo 25 de Abril.
SANTA VITÓRIA DO AMEIXIAL.
S. MANÇOS — Rua da Igreja, 15.
VENDAS NOVAS — Rua Catarina Eufémia, 110.
VILA VIÇOSA — Rua da República, 13.

FARO

ALBUFEIRA — Rua Cândido dos Reis, 15-A.
ALCANTARILHA — Rua da Cadeia, 10.
ALJEZUR — Rua dos Lagos — Telefone 72143.
ALVOR — Rua do Alto de S. João.
FARO — Largo do Mercado, 25, 5.ª — Tel. 26114.
LAGOS — Rua dos Camachinhos, 36-A.
LAGOA — Rua Dr. Ernesto Cabrita, 1.
LOULÉ CENTRAL — Rua Serpa Pinto, 53, r/c. Dt.ª.
MONCHIQUE — Rua Samora Gil, 17.
ODECEIXE.
OLHÃO — Rua do Caique, 21.
PORTIMÃO — Travessa do Capote.
SAGRES.
S. BARTOLOMEU DE MESSINES — Rua João de Deus.
SILVES — Rua Dr. Francisco Vieira, 9 — 42274.
TUNES — Gare — Largo 1.ª de Dezembro.
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Rua 1.ª de Maio, 42.
S. BRÁS DE ALPORTEL.

PORTALEGRE

ALCÓRREGO — Rua Manuel Arriga, 21.
ARRONCHES.
AVIS — Largo Dr. Sérgio de Castro, 3.
BENAVILA — Rua Miguel Bombarda, 21, 1.ª.
CAMPO MAIOR — Largo Barão de Bancelinhos, 2.
CANO — Largo do Rossio, 27.
CASA BRANCA (Souzel) — Rua Conde de Valência, 13.

ELVAS — Rua da Cadeia, 35-B.
MONTARGIL (Ponte de Sôr) — Rua da Misericórdia.
MONFORTE — Rua Visconde da Luz.
NISA — Rua Dr. José Falcão, 37.
PORTALEGRE — Rua 5 de Outubro, 46 — Tel. 1125.
SOUSEL — Rua dos Frades, 75.
VALONGO — Alto Alentejo.
OUGUELA (Campo Maior).
SEDA (Alter do Chão).
VALE DE LACEIRAS (Fronteira).
PONTE DE SÔR.
NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE DE GOLADOS — Campo Maior

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DAS BEIRAS

AVEIRO

AVEIRO — Avenida Lourenço Peixinho, 168 — Tel. 23585.
ÁGUEDA — Rua Vasco da Gama, 66.
ANADIA — Arcos.
ESPINHO — Rua 8, n.º 33.
ESTARREJA — Praça Francisco Barbosa, 24.
ILHAVO — Rua Camões, 46.
OLIVEIRA DE AZEMÉIS — Rua Dr. Basílio Lopes, 102, Sala 3.
OVAR — Praça da República, 7 — Tel. 53550.
PAMPILHOSA — Avenida da República.
PARAMOS — Lugar do Barril (Espinho).
SANGALHOS — Largo do Jardim, ao pé da Igreja.

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Visconde — Estrada Nacional.
VALE DE CAMBRA — Rua de Santo António, 263.
VIDA DA FEIRA — R. Dr. Vitorino de Sá — Largo do Montinho.
OLIVEIRA DO ARDA — CASTELO DE PAIVA

CASTELO BRANCO

BELMONTE — Largo Dr. António José de Almeida.
CASTELO BRANCO — Praça do Rei D. José, 25-1.ª — Tel. 931.
COVILHÃ — Praça do Município, 84-3.ª — Tel. 24423.
FUNDÃO — Rua da Quinta, 42.
TORTOZENDO — Largo 28 de Maio, 7.

COIMBRA

ARGANIL — Rua Oliveira Matos, 37.
CANTANHEDE — Rua Dr. José de Almeida, 43.
COIMBRA — Rua da Sofia, 73-1.ª Esq.ª — Tel. 26186.
AVENAL — Sobreiro (Condeixa).
FIGUEIRA DA FOZ — Rua da República, 206 — Tel. 25314.
GRANJA DO ULMEIRO — Rua do Comércio.
LOUSÁ — Praça Cândido dos Reis.
MONTEMOR-O-VELHO — Rua dos Combatentes, 15-1.ª.
SOURE — Rua Alexandre Herculano, 12-1.ª.

GUARDA

GOUBEIRA — Av. Marechal Gomes da Costa, 6 — Tel. 42142.

GUARDA — Rua 31 de Janeiro, 18-2.ª.
PINHEL — Praça Sacadura Cabral.
SABUGAL.
SEIA — Largo do Castelo.
S. ROMÃO — SERRA DA ESTRELA.
MANTEIGAS — Rua de Santo António, 63.
TRANCOSE (Guarda).
MURÇA.

VISEU

CASTR — D'AIRES — Rua Formosa, 8.
MORTAGUA — Rua de Aveiro.
VILA NOVA DE PAIVA.
VISEU — Rua 21 de Agosto, 1-1.ª — T. I. 25550.

LAMEGO.

MANGUALDE.
MOIMENTA DA BEIRA — Rua D. Afonso Henriques.
PENALVA DO CASTELO.
S. JOÃO DA PESQUEIRA.
VOUZELA.

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DAS ILHAS ADJACENTES

MADEIRA

FUNC. L. — Rua da Carreira, 139 — Tel. 20756.
PONTA DO SOL.
SANTA CRUZ.
CANIÇO.

AÇORES

PONTA DELGADA — Rua da Misericórdia, 26 2.ª — Tel. 26016.
ANGRA DO HEROÍSMO (Terceira) — Rua do Rago, 21 — Tel. 24004.
SANTA CRUZ DA GRACIOSA (Graciosa) — Av. Mouzinho de Albuquerque.
VILA FRANCA (S. Miguel).
HORTA — Travessa de S. Francisco, 7, r/c. — Tel. 22346.

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA

ALENQUER — Largo do Espírito Santo, 5 — Tel. 72473.
ABRIGADA — Alenquer.
ARRUDA DOS VINHOS — Rua Cândido dos Reis, 89.
ALCOENTRE — Rua da Igreja.
AZAMBUJA — Rua Vitor Cordon.
CADAVAL — Rua D. Fernando.
PAREDE — Av. da República, 93-C, r/c. A. — Tel. 2477682.
CHARNECA DO LUMIAR — Vivenda Valenciana.
BUCELAS — Rua Luís de Camões, 11.
CAMARATE — Rua Guilherme Gomes Fernandes, 11.
PINHEIRO DE LOURES — Rua dos Combatentes do Ultramar.
MOSCAVIDE — Av. de Moscavide, 16-1.ª Esq.ª — Tel. 2519847.
ODIVELAS — Rua Guilherme Gomes Fernandes, 16-1.ª Esq.ª.
PÓVOA DE SANTO ADRIÃO — Rua de Gago Coutinho, 87-B.

SACAVEM — Travessa do Chafariz, 3 r/c. — Tel. 2519917.
SANTA IRIA DE AZÓIA — R. Vasco da Gama — Tel. 2591936.
CANEÇAS — Largo Vieira Caldas.
S. JULIÃO DO TOJAL — Rua Alfredo Dinis, 9.
BOBADELA — Rua Marechal Craveiro Lopes, 35.
FAÇÃO — PERO PINHEIRO.
LOURES — Rua 11 de Maio.
LOURINHÃ.

MAFRA — Rua Serafim Medeiros, 1 — 52267.
MALVEIRA — Largo da Feira.
AMADORA — Alto Maduro, 4 — Tel. 936489.
PAÇO DE ARCOS — Rua Costa Pinto, 196-3.ª Esq.ª.
NOVA CEIRAS — Alameda Conde de Ceiras, Torre D, 3.ª Fr. D.
ALGUEIRAS — Mem Martins.
SINTRA — Estrada de Mem Martins, 245-B.
CACÉM — Rua Elias Garcia, 60.
SINTRA — Largo S. Pedro.
QUELUZ — Rua Pedro Andrade Caminha, 6-A.
BELAS — Rua Dr. Leão de Oliveira, 16.
SOBRAL DE MONTE AGRADO — Rua Heróis da Bélgica, 7-9.

RUNA — Torres Vedras.
TORRES VEDRAS — Av. 5 de Outubro, 2.ª Esq.ª — Tel. 22116.
ALHANDRA — Rua Dr. Miguel Bombarda, 36-1.ª — Tel. 2500401.
ALVERCA — Rua Proj. à Rua Brigadeiro Fernando Alberto Oliveira, Lote 61.ª Dt.ª — Telefone 258068.
VILA FRANCA DE XIRA — Rua Serpa Pinto, 79-1.ª — 23979.

PÓVOA DE SANTA IRIA.
LISBOA — Av. António Serpa, 26-2.ª — Tel. 772284-769896/7.
ARROIOS (LISBOA) — Rua Joaquim Bonifácio, 8-4.ª F. — Tel. 561672.

GRAÇA (LISBOA) — Largo da Graça, 104-1.ª — Tel. 804062.
ALCANTARA (LISBOA) — Rua de Alcântara, 33-1.ª — Tel. 638512.
ALGES — Av. dos Bombeiros Voluntários, 107-2.ª A.

SETE RIOS (LISBOA) — Rua Professor Lima Basto, 140-1.ª Esq.ª — Telefones 771654-779415.
PONTINHA — Leitaria do Mercado — Mercado da Pontinha.
OLIVA'S (LISBOA) — Rua Vila da Catió, Lote 396-1.ª F. — Tel. 314444.
ZAMBUJAL (Loures) — Largo António Sérgio.
CATUJAL (Correio de Camarate) — Rua 3, Quinta da Fábrica — Vivenda Nóbrega.

CASIANHEIRA DO RIBATEJO — Rua Laura Pêra, 8.

PÓVOA DE SANTA IRIA — Rua 28 de Setembro — Tel. 2590006.

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO NORTE

BRAGA

VILA VERDE.
BRAGA — Praça Conde Agrolongo, 127 — Tel. 25444.
DELAES — (V. NOVA DE FAMILIÃO) — Av. Albino Marques.
FAFE — Rua José Ribeiro Vieira de Castro.
PÓVOA DO LANHOSO — Largo Eng. Armando Rodrigues, S/N.ª.
VIEIRA DO MINHO.
VILA DE FRADES — Rua de Lisboa.
GUIMARÃES — R. Conde Margerida, 652 — Tel. 43012.
RIBA DE AVE — BRAGA.
FAMALICÃO.

BRAGANÇA

ALFÂNDEGA DA FÉ.
BRAGANÇA — Av. João da Cruz, 108 — Tel. 432.
CARRAZEDA DE ANSIÃES.
MACEDO DE CAVALHEIROS — Largo Pinto de Azevedo, 44.
MIRANDELA — Praça 5 de Outubro.

PORTO

AREOSA — Rua D. Afonso Henriques, 644 — Tel. 970690.
AMARANTE — Av. Joaquim Leite de Carvalho, 61.
ERMESINDE — Rua da Índia, 216.
GRUJO — Lugar das Vendas do Grilo — Correio de Argoncilho.
MARCO DE CANAVESES — Sapateira Marco.
MATOSINHOS — Rua Conde Alto Marim, 218-1.ª.
PARANHOS — Rua do Lindo Vale.
PORTO — Rua Aníbal Cunha, 94 — Tel. 315567.
Av. Boavista, 601 — Tel. 63852.

PÓVOA DO VARZIM — Rua dos Ferreiros, 84.
RAMALDE — Rua do Pinheiro Manso, 377 — Tel. 62859.
RIO TINTO — Praça da Estação, 198-1.ª Esq.ª.
S. MAMEDE DE INFESTA — Largo da Erminda.
SANTA MARINHA DO ZEZERE (Baião).
S. PEDRO DA COVA — R. da Rosa Machado — Concelho de Gondomar.

SANTO TIRO — Largo Coronel Baptista Coelho, 52-53.
VALBOM (GONDOMAR) — Rua Dr. Joaquim Manuel da Costa, 190 — Tel. 9830269.
VILA DO CONDE — Rua do Lideador, 18-1.ª.
VILA NOVA DE GAIA — Rua Soares dos Reis, 301.

VIANA DO CASTELO

AFIFE — Casa da Ponte.
PONTE DA BARCA — Rua da Casa do Castanheiro.
VIANA DO CASTELO — Rua Manuel Espargueira, 206.

VILA REAL

ALIJO — S. MAMEDE DE RIBATUA.
CHAVES — Largo 8 de Julho, 1.
FIXES.
RÉGUA — Largo do Cruzeiro.
SABROSA — Café Académico.
VILA POUCA DE AGUIAR.
VILA REAL — Rua da Misericórdia, 5-1.ª.
PINHÃO (Alijó).
TONTOSA — Livração (Douro).
S. MAMEDE E RIBATUA (Douro).
VALPAÇOS (Três-os-Montes) — Rua Oriental.

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO OESTE E RIBATEJO

LEIRIA

ALCOBAÇA — Rua Alexandre Herculano, 8-2.ª Esq.ª — Tel. 43137.
ANSIAO — Rua Dr. Adriano Rego, 13-A.
BOMBARRAL — Calçada do Sport-Clube.
CALDAS DA RAINHA — Av. da Independência Nacional, 23 r/c.
FIGUEIRO DOS VINHOS.
LEIRIA — Rua Machado Santos, 25 — Tel. 24355.
MARINHA GRANDE — Rua Pereira Roldão, 12 — Tel. 52934.
MIRA DE AIRE — Rua do Cabecinho.
ÓBIDOS — Rua Josefa de Óbidos.
PEDRÓGÃO GRANDE.
PENICHE — Rua Prof. Jacob Rodrigues Pereira, 2.
POMBAL — Rua Dr. António José Teixeira, 61-2.ª.
VALADO DOS FRADES — Travessa d Paz, 13.

SANTAREM

ABRANTES — R. 25 de Abril, 11.
ALCANENA — Largo da Varandinha.
ALMEIRIM — Rua Condessa da Junqueira, 39.
ALPIRÇA — Rua Silvestre Bernardo Lima, 210 — Tel. 54268.
ASSEICEIRA (Rio Maior).
AZINHAGA — COLEGA.
BENAVENTE — Rua Fernando de Oliveira, 12.
CARTAXO — Rua Batalho, 31-1.ª.
CHAMUSCA — Largo Vasco da Gama, 11.
CORUCHE — Rua dos Guerreiros, 20-A.
COUCO — Estrada Nacional.
ENTROCAMENTO — Rua 56, Lotes 5 (Zona Verde).
FOROS DA BRANCA (Coruche).
MIDE — Praça Alberto Neves, 17.
MONSANTO — ALCANENA.
RIO MAIOR.
ROSSI — AO SUL DO TEJO — Av. João Augusto da Silva Martins, 97.
SALVATERRA DE MAGOS — Rua Luís de Camões, 16-18.
SAMORA CORREIA — Rua 5 de Outubro, 40.
SANTA MARGARIDA DA COUTADA.
SANTARÉM — Av. Brasil, 5-1.ª — Tel. 24533.
TOMAR — Rua Infanteia 15, 78-2.ª.
TORRES NOVAS — Rua 1.ª de Dezembro, 24-2.ª — Tel. 22050.
TRAMAGAL.
TUBARAL — ALVEGA.
VILA MOREIRA.
VILA NOVA DE OURÉM.
PEGO (Abrantes).
S. MIGUEL DO RIO TOPTO (Abrantes).
BENFICA DO RIBATEJO (Almeirim).
S. VICENTE DO PAUL (Santarém).

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE SETÚBAL

ABELA (Santiago do Cacém).
ALCÁCER DO SAL — Av. dos Aviaçoes.
ALCOCHETL — Rua Espírito Santo, 16-A.
ALHOS VEDROS — Rua Dinis Afonso, 49 — Tel. 2040430.
ALMADA — Rua Capitão Leitão — Tel. 279460.
ALVALADE-SADO — Rua Duque da Terceira.
AMORA — Rua 5, Lote 26-1.ª Dt.ª.
BAIXA DA BANHEIRA — Rua 5, 33-J — Tel. 204681.
BARRACÃO-CASEBRES — (Alcácer do Sal).
BARREIRO — Rua Dr. Vasco da Gama, 22 — Tel. 2075125.
CANAL CAVEIRA — Grândola.
CERCAL DO RIBATEJO.
CORROIOS — Café Ladeiras — Estrada Nacional.
COVA DA PIEDADE — Rua da Escola Primária, 14-A.
ERMIDAS-SADO — Rua Cândido dos Reis.
GRÂNDOLA — Rua Mouzinho da Silveira, 17.
MOITA — Rua Dr. Silva Evaristo, 49-51.
MONTIJO — Rua Almirante Cândido dos Reis, 77.
PAIO PIRES — Largo de Palo Pires, 12-1.ª F.
PALMELA — Rua Jaime Freixo, 110.
PINHAL NOVO — Rua Luís de Camões.
SANTO AGO DO CACÉM.
SEIXAL.
SESIMBRA — Rua dr. Manuel Arriga, 8.
SETÚBAL — Rua Dr. Manuel Arriga, 8-r/c. — Tel. 22273.
SINES — R. Francisco Luís Lopes, 76-2.ª.
TORRÃO — ALENTEJO.
CHARNECA DA CAPARICA — C. T. Alfredo Dinis.



NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO

AS PALAVRAS DA INTERSINDICAL

O primeiro orador no comício do Estádio 1.º de Maio foi Antero Martins, em nome da Intersindical, que começou por saudar a presença do Presidente da República, do Primeiro-Ministro, membros do Conselho da Revolução e também das centrais sindicais estrangeiras e confederações mundiais.

Acentuou depois:

Quero exaltar a solidariedade, fraternidade e cooperação que têm manifestado, de forma inequívoca, aos trabalhadores portugueses, dentro dos princípios do internacionalismo proletário. Exalto o apoio incondicional que muitas delas têm dado à nossa Revolução.

Quero daqui expressar também a solidariedade da Intersindical a todos os povos do Mundo, particularmente aos dos países que ainda se encontram debaixo do iugo fascista, como o povo mártir do Chile e, aqui bem perto de nós ao povo espanhol, e aos que lutando corajosamente conseguiram libertar-se do imperialismo internacional, como os povos do Camboja e do Vietnam.

Quero ainda saudar, em especial, os povos irmãos das antigas colónias portuguesas, Guiné, Moçambique e Angola, nas suas vanguardas revolucionárias, PAIGC, FRELIMO e MPLA.

Mas a saudação mais especial, camaradas, dirige-a a Intersindical a todos os trabalhadores portugueses. E para vós que vós as nossas mais fraternais saudações de luta, pela consolidação das conquistas já alcançadas pela classe trabalhadora, pelo avanço do processo revolucionário, pelo rumo ao socialismo que ponha fim à exploração do homem pelo homem.

Depois de se referir aos grandes passos em frente dados pelo processo revolucionário, nomeadamente as históricas medidas do Conselho da Revolução posteriores ao 11 de Março, Antero Martins referiu-se à necessidade da batalha económica, salientando:

Nesta batalha a estrutura sindical tem papel decisivo a desempenhar. Com as novas condições políticas criam-se novas e difíceis tarefas e uma responsabilidade ainda maior. A construção da sociedade socialista depende do trabalho que desenvolvermos em todo este período de transição.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

O primeiro orador no comício do Estádio 1.º de Maio foi Antero Martins, em nome da Intersindical, que começou por saudar a presença do Presidente da República, do Primeiro-Ministro, membros do Conselho da Revolução e também das centrais sindicais estrangeiras e confederações mundiais.

Acentuou depois:

Quero exaltar a solidariedade, fraternidade e cooperação que têm manifestado, de forma inequívoca, aos trabalhadores portugueses, dentro dos princípios do internacionalismo proletário. Exalto o apoio incondicional que muitas delas têm dado à nossa Revolução.

Quero daqui expressar também a solidariedade da Intersindical a todos os povos do Mundo, particularmente aos dos países que ainda se encontram debaixo do iugo fascista, como o povo mártir do Chile e, aqui bem perto de nós ao povo espanhol, e aos que lutando corajosamente conseguiram libertar-se do imperialismo internacional, como os povos do Camboja e do Vietnam.

Quero ainda saudar, em especial, os povos irmãos das antigas colónias portuguesas, Guiné, Moçambique e Angola, nas suas vanguardas revolucionárias, PAIGC, FRELIMO e MPLA.

Mas a saudação mais especial, camaradas, dirige-a a Intersindical a todos os trabalhadores portugueses. E para vós que vós as nossas mais fraternais saudações de luta, pela consolidação das conquistas já alcançadas pela classe trabalhadora, pelo avanço do processo revolucionário, pelo rumo ao socialismo que ponha fim à exploração do homem pelo homem.

Depois de se referir aos grandes passos em frente dados pelo processo revolucionário, nomeadamente as históricas medidas do Conselho da Revolução posteriores ao 11 de Março, Antero Martins referiu-se à necessidade da batalha económica, salientando:

Nesta batalha a estrutura sindical tem papel decisivo a desempenhar. Com as novas condições políticas criam-se novas e difíceis tarefas e uma responsabilidade ainda maior. A construção da sociedade socialista depende do trabalho que desenvolvermos em todo este período de transição.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

balhadores mais desfavorecidos;

— Estudar a possibilidade do alargamento progressivo do salário mínimo a todos os trabalhadores;

— Considerar os sectores económicos em dificuldades como «sectores em crise», e que, nestes casos, não seja permitida a distribuição de lucros ou dividendos aos respectivos industriais;

— Expropriar os bens pessoais dos capitalistas que cometem crimes de sabotagem à economia nacional;

Uma profunda reforma fiscal que faça pagar mais a quem mais possui e que permita ao Estado Democrático dispor de meios para o aumento de investimentos que são necessários para combater o desemprego e desenvolver a economia.

Quanto à Reforma Agrária, camaradas é necessário que ela seja efectivamente levada a cabo, de forma a acabar definitivamente com os latifúndios e entregar a terra a quem a trabalha.

As expropriações a efectuar, e que deverão passar a ser património nacional, não devem corresponder quaisquer indemnizações.

Tais medidas têm sido preconizadas e já expressas pelos trabalhadores agrícolas, do Alentejo e Ribatejo, que, por outro lado, não têm poucado esforços na conquista da Reforma Agrária e na defesa e avanço do actual processo revolucionário, apesar de muitos milhares de trabalhadores agrícolas se encontrarem em situação de desemprego e, outros, mesmo trabalhando as terras passarem semanas e semanas sem receberem os salários a que têm direito.

Esta a luta heróica de uma parte do povo português, a que sempre foi a mais explorada e sacrificada.

Antero Martins chamou em seguida a atenção para o papel da Previdência que tal como está não serve os trabalhadores, afirmando mais adiante:

Mas, por outro lado, camaradas, teremos de ser nós, com a participação activa na resolução de todos estes problemas, teremos de ser nós, através do trabalho diário, constante, diários mesmo, revolucionário, que poderemos criar riqueza suficiente para melhorar as nossas condições de vida e de trabalho, a nossa condição de povo trabalhador.

Teremos de ser nós trabalhadores, com esforço e dedicação, a construir a nova sociedade socialista, a nova sociedade onde não mais tenha lugar a exploração de um homem sobre outro homem em estreita aliança com o MFA, o Conselho da Revolução e o Governo Provisório.



OPERÁRIOS, SOLDADOS E MARINHEIROS LADO A LADO NAS RUAS DE LISBOA

Não podemos deixar os cravos murchar, era um dos dísticos que a numerosa delegação de marinheiros presentes na manifestação do 1.º de Maio empunhava. Mas os cravos vermelhos que o Movimento das Forças Armadas fizera florir no mês de Abril do ano passado desabrocharam ontem mais rubros, simbolizando a vitória do povo trabalhador.

1.º de Maio de festa, 1.º de Maio de afirmação da vontade das classes trabalhadoras — a cidade de Lisboa viveu ontem mais uma jornada histórica desde que se deu a Revolução de 25 Abril. Dezenas e dezenas de milhar de pessoas vieram para a rua comemorar a grande festa dos trabalhadores. Alegre, garrida, a multidão transbordava os passeios, enchia as ruas, misturava-se com os automóveis. O som, a cor, o próprio sol desta Primavera quase Verão davam uma dimensão diferente à alegria dos manifestantes.

Pela segunda vez a festa dos trabalhadores foi comemorada livremente em Lisboa e no Porto como nas principais localidades do País. Repetindo a felicidade e a alegria do ano anterior em que juntamente com os festejos dos trabalhadores se misturava a gratidão ao Movimento das Forças Armadas que dias antes libertara Portugal de uma ditadura opressiva de 48 anos, também o 1.º de Maio de 1975 foi mais uma prova de estreita aliança do Povo com o MFA, reforço do caminho para o socialismo e para a vitória.

Uma cidade diferente

O movimento era diferente em Lisboa logo de manhã. Carros buzinando ou arvorando bandeiras vermelhas percorriam as ruas da cidade. Grupos, por vezes numerosos, distribuíam-se pelos locais públicos. Faziam-se piqueniques. A concentração para a grande manifestação convocada pela Intersindical estava marcada para as 15 horas da tarde, na Alameda D. Afonso Henriques. Daí partiria o cortejo para o Estádio 1.º de Maio. No entanto, muito antes do almoço já centenas e centenas de pessoas marcavam a sua presença naquele local.

Durante a manhã milhares de pessoas assistiram a uma festa desportiva no Estádio da Luz que constou de provas de atletismo e um desafio de futebol entre jogadores de Lisboa e

do Barreiro. A numerosa assistência e o entusiasmo que se verificaram eram já o prelúdio da grande manifestação que iria decorrer horas depois.

Dos arredores mais distantes da capital chegavam continuamente trabalhadores que vinham viver a sua festa, participar na grande manifestação — comício promovida pela Intersindical e onde seria anunciada a institucionalização daquele organismo, consagrando-se assim na unidade a defesa de todos os trabalhadores.

A população sabia-o e correu em massa. As 3 da tarde tornava-se impossível romper na Alameda D. Afonso Henriques, de tal modo a multidão se encontrava concentrada. Um mar de bandeiras vermelhas e de cartazes pairava por cima das cabeças. Estavam presentes delegações das mais diferentes empresas e de numerosas povoações próximas de Lisboa.

Nos Chaimites: o povo e o MFA

A grande manifestação que se deslocou para o Estádio 1.º de Maio começou a sair do local da concentração pouco passava das 15 horas e só três horas depois o final conseguiria atingir o local do comício.

A abrir o cortejo seis Chaimites peçados de soldados e populares. Rodando lentamente, os carros militares eram o testemunho da confiança recíproca entre o Povo e os militares. Confraternizando, trabalhadores e o povo fardado formavam autênticos cachos humanos em cima das máquinas de

guerra, agora empenhadas na defesa dos mais fracos.

A manifestação era encabeçada por uma representação numerosa de militares das mais diferentes patentes dos três ramos das Forças Armadas e ainda por alguns elementos do Secretariado da Intersindical Nacional. Logo a seguir via-se a representação do nosso Partido com a presença do camarada Alvaro Cunhal, Joaquim Gomes, Sérgio Vilarigues, José Vitoriano, Blanqui Teixeira e Jaime Serra. Ao lado, o MDP fazia-se representar, entre outros elementos, por Francisco Pereira de Moura e José Manuel Tengarrinha. Seguia-se a banda da GNR, fardada de gala, que tocava a «Marcha de Russel» e que todos os ouvintes identificavam como sendo o hino do MFA, já que foi o indicativo musical que durante os primeiros dias da Revolução antecedia as comunicações militares e as informações ao País.

Era esta a frente da manifestação que se ia prolongar por mais três horas, com gente a passar ininterruptamente.

Os trabalhadores vencerão

Milhares de cartazes, indicando as empresas, desfilarão depois desde a Alameda até ao Estádio. Impossível inumerar todos.

Mas estamos cientes de que ninguém faltou naquele dia de festa. As bandeiras vermelhas do nosso Partido também estiveram presentes em profusão, pois centenas de células de empresas do PCP desfilarão juntamente com delegações

de sindicatos e outras representações.

Só comparável ao anterior 1.º de Maio, o movimento de ontem foi significativo de que os «trabalhadores vencerão», como frisava a palavra de ordem que milhares e milhares de pessoas gritaram. «Dividir é trair» foi também outra das palavras de ordem mais sublinhadas durante a manifestação. Mas a divisão não mais voltará a ser possível no seio das massas trabalhadoras, pois isso significaria o regresso da liberdade de exploração.

Durante o percurso da manifestação numerosas janelas ostentavam colchas ou outros adornos garridos. Algumas, e foram muitas as que vimos, estavam decoradas com os símbolos ou com cartazes do nosso Partido. O cravo vermelho era o adereço que se via em todas as pessoas: espetado na lapela ou agitado na mão, ele era o símbolo da confiança no futuro.

Unidade para a vitória

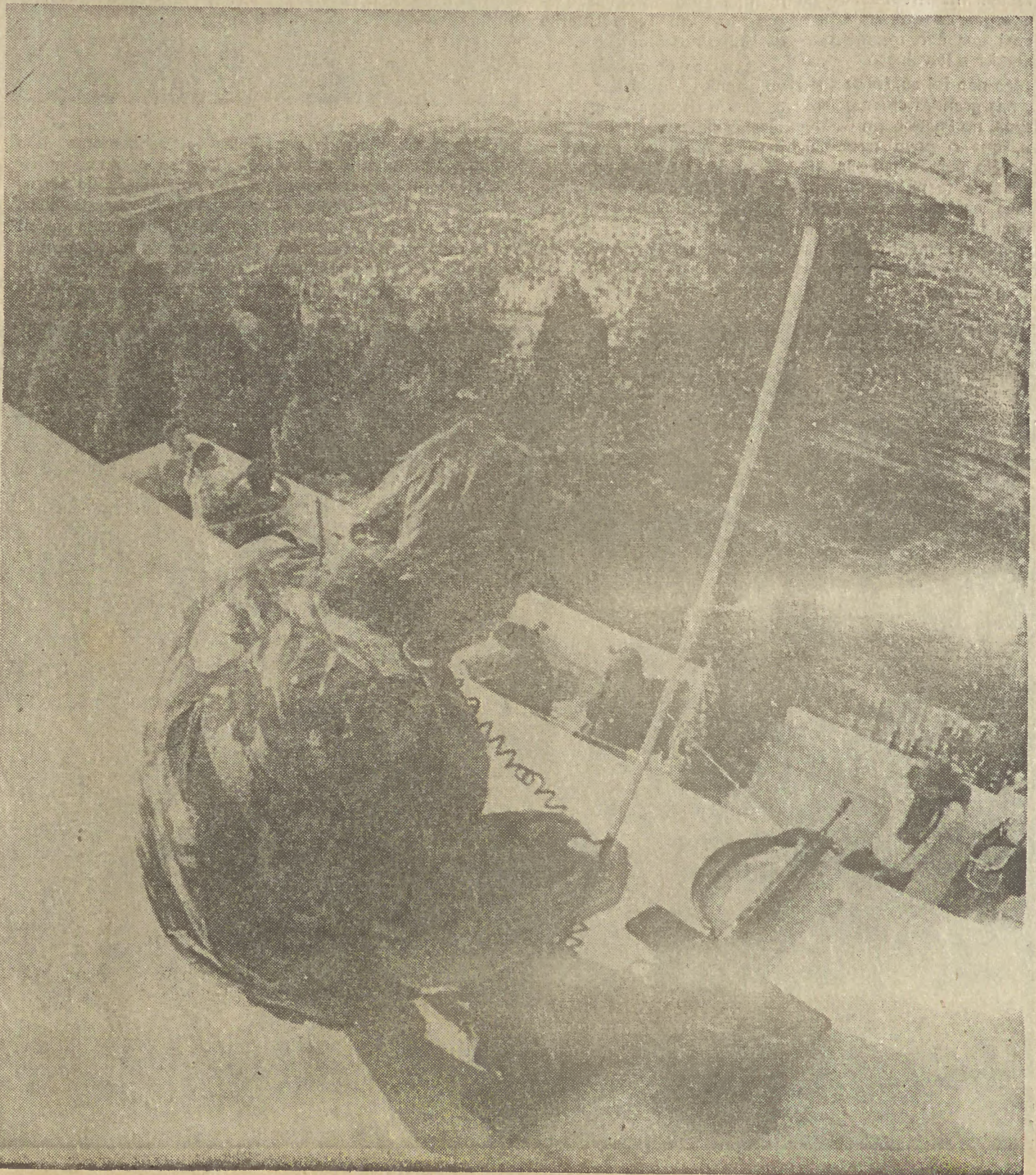
As canções foram a nota dominante da manifestação, com destaque para «Grândola, Vila Morena» e «Avante, Camarada». O povo é quem mais ordena foi ontem recordado dezenas de vezes nas vozes dos manifestantes, que não se cansaram de entoar a popular canção. O povo trabalhador é quem mais ordena, como ontem se verificou na grande festa do 1.º de Maio promovida pela Intersindical.

Unidos, os trabalhadores demonstraram, no dia que lhes é consagrado, que estão decididos a caminhar para a vitória. Fileiras cerradas, eles sabem quais os seus interesses e que só através da sua unidade os podem defender.

A unidade é difícil e nem todos a querem aceitar. Mas a esmagadora maioria dos manifestantes frisou bem alto que está unida e que as manobras divisionistas, venham sob a capa que vierem, esbarrar na sua determinação e na aliança do Povo com o MFA.

Uma chuva de cravos

Chegando em vagas ininterruptas, a manifestação depressa encheu o recinto do Estádio 1.º de Maio, onde pouco depois começaria o comício com a presença do Presidente da República, general Costa Gomes, do Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, e



PRESEÇA DE ORGANIZAÇÕES SINDICAIS ESTRANGEIRAS

Numerosas centrais sindicais de outros países e confederações mundiais enviaram delegações às grandiosas manifestações do ontem em Lisboa:

ANGOLA — UNTA — União Nacional dos Trabalhadores Angolanos; ARGÉLIA — UGTA — União Nacional dos Trabalhadores Argelinos; BULGÁRIA — CCSSB — Conselho Central dos Sindicatos Búlgaros; CHILE — CUT — Central Única dos Trabalhadores; CUBA — CTC — Central dos Trabalhadores de Cuba; ESPANHA — CCOO — Comissões Obreras; UGT — União Geral dos Trabalhadores; FRANÇA — CFT — Confederação Francesa Democrática do Trabalho; CGT — Confederação Geral do Trabalho; GUINÉ — BISSAU — UNGT — União Nacional dos Trabalhadores Guineenses; HUNGRIA — CSH — Conselho Central dos Sindicatos Húngaros; JUGOSLÁVIA — CSY — Conselho dos Sindicatos da Jugoslávia; POLÓNIA — CCSP — Conselho Central dos Sindicatos Polacos; REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ — FDGB; ROMÉNIA — CCSR — Conselho Central dos Sindicatos da Roménia; UNIÃO SOVIÉTICA — CCSS — Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos; VIETNAM — FNL — Frente Nacional da Libertação; CISL — Confederação Internacional dos Sindicatos Livres; CMT — Confederação Mundial do Trabalho; FSM — Federação Sindical Mundial.

PORTUGAL FESTEJA O 1.º DE MAIO

A magnífica Festa Internacional dos Trabalhadores foi este ano em Portugal uma vibrante manifestação de força popular. O menos que se pode dizer é que o segundo Primeiro de Maio em liberdade e democracia rumo ao socialismo foi entre nós uma entusiástica Festa Nacional. Nacional e profundamente patriótica pela extensão e volume das manifestações de toda a ordem e pela participação calorosa de trabalhadores e trabalhadoras de todas as idades e profissões em perfeita união com o povo fardado, em sólida aliança com o MFA.

O movimento popular de massas não é uma expressão que se possa invocar em vão. Representa no terreno da prática as massas populares que actuam com coesão e em unidade no campo concreto das lutas, das tarefas e também das festas que são motivo para convívio fraterno e esclarecimento recíproco, afastando de si os grupos que pretendem minar, seja a que pretexto for, a unidade dos trabalhadores e a constante preocupação do seu aperfeiçoamento e eficácia.

Comemoração unitária por excelência, o Primeiro de Maio teve praticamente em todo o País a adesão espontânea de muitas centenas de milhares de pessoas. Operários, camponeses, pescadores, empregados e intelectuais, quadros dirigentes, trabalhadoras de todas as idades, jovens estudantes e muitas crianças ergueram bem alto em todos os concelhos de Portugal a palavra de ordem do TRABALHO em unidade para vencer a grande batalha da produção, a grande batalha sem a qual não poderemos levar por diante as históricas medidas económicas do Conselho da Revolução e do Governo Provisório.

Em todo o lado se viu a sólida força de apoio às medidas de reforma agrária e às nacionalizações da banca, dos seguros e das grandes empresas monopolistas. Por todo o lado se afirmou a vontade de trabalhar, desta vez não a favor dos exploradores, mas a favor dos explorados, daqueles que estão directamente interessados em erguer a economia nacional que é o mesmo que defender a Revolução.

Mas não foi só, longe disso, nas grandes cidades, em Lisboa, no Porto e em Coimbra, que o povo trabalhador veio para a rua expandir a sua fé na Revolução, a sua esperança na caminhada para o socialismo, a sua coragem manifestada na vontade de enfrentar a reacção, escondendo-se ela sob a ca-

pa que quiser. Não foi só nas grandes cidades de Portugal que o movimento popular de massas teve a sua expressão na grande festa do 1.º de Maio. Teve-a também nos campos de Pias e de Grândola, no Pinhal Novo e no Montijo, no Seixal e em Paio Pires, em vilas e aldeias de todo o País, onde as tarefas de reconstrução nacional não assustam os trabalhadores, pois é nesses que reside a verdadeira força de Portugal como nação que constrói em independência o seu futuro nacional.

Festa e adesão revolucionária

Quem viu no Porto aquela onda de entusiasmo avassalador, aquela multidão que enchia a ampla Avenida Humberto Delgado, quem viu vibrar a alegria de tantos milhares de trabalhadores e trabalhadoras conscientes da sua força e do seu crer na Revolução, não pode ficar indiferente perante a responsabilidade que envolve o simples facto de ser português neste momento, o facto de ser parte totalmente interessada na defesa, consolidação e avanço do processo revolucionário rumo para o socialismo.

Quem assistiu no Porto ao entusiasmo com que foram recebidas as palavras do membro do Conselho da Revolução e ministro do Trabalho, major Costa Martins, não poderá duvidar de que a acção dos trabalhadores será decisiva para a libertação do Povo Português, como sublinhou aquele membro do Governo, referindo-se à indelével aliança do Povo com o MFA.

Em Évora, mais de 10 000 trabalhadores percorreram as ruas correspondendo ao apelo da União dos Sindicatos, do nosso Partido, do MDP/CDE e do PS. Membros destacados do MFA e dirigentes sindicais encabeçaram a vaga de apoio e de regozijo do povo trabalhador daquele distrito alentejano.

O desfile pela cidade, momento alto da Festa do Trabalho, teve a completá-lo uma tarde de teatro e cantares alentejanos. Os partidos que se integraram na manifestação foram saudados por um representante da União dos Sindicatos.

As metas do processo revolucionário, o ardor dedicado e a dedicar às grandes tarefas do povo trabalhador para a execução prática e eficaz das medidas de reforma agrária e de destruição do latifúndio tiveram um eco profundo nesta manifestação do Primeiro de Maio.

Região de grandes agrá-

rios, que há séculos vêm explorando impunemente o povo alentejano, Évora deixou ontem bem claro o seu apoio ao Sindicato dos Operários Agrícolas e à Intersindical. Trabalhadores rurais, pequenos e médios agricultores deixaram bem clara a vontade firme de trabalhar em conjunto com os seus irmãos operários num esforço cada vez maior para elevar a produção e pô-la ao serviço do povo trabalhador.

Conhecendo como é consequente e firme a aliança Povo-MFA, sabendo que as históricas medidas económicas do Conselho Superior da Revolução e do Governo Provisório têm de servir para a salvaguarda da via socialista, homens, mulheres e jovens trabalhadores de Évora fizeram, eles também, do Primeiro de Maio não apenas a Festa do Trabalho, mas ainda a aceitação consciente das propostas do MFA, do Conselho da Revolução, do Governo Provisório, do nosso Partido, da Intersindical e de outras forças verdadeiramente democráticas no sentido de avançar com passos seguros pelo caminho aberto sobretudo depois do 11 de Março, no sentido de trabalhar mais e melhor, empenhando todo o seu esforço e sacrifício na batalha a ganhar, na batalha da produ-

Por todo o Alentejo por todo o País

O mesmo sucedeu por todo o lado, no Alto e no Baixo Alentejo, como em todo o País.

Em Beja, podiam também

dos Sindicatos, a manifestação contou com a presença do almirante Rosa Coutinho, do Conselho da Revolução, e com destacados dirigentes sindicais.

A alegria da festa não teria uma nuvem se a provocação dos grupelhos verba-

mitem falar em nome de operários e camponeses, mas que estão sempre activamente solidários com o seu principal inimigo, cumpriram mais uma vez em Beja a sua sórdida tarefa: resultado — um oficial ferido e quatro prisões.

celebrar uma festa. A alegria popular não se dá bem com esses arruaceiros e provocadores (muitos deles certamente filhos de exploradores ou por eles pagos) que se atrevem a propor coisas a quem trabalha.

Em Aljustrel, também com a presença do almirante Rosa Coutinho do ministro da Agricultura e governador civil, mais de 3000 pessoas festejaram na rua e com um piquenique o 1.º de Maio dos trabalhadores. A festa finalizou com uma cavavana pelas ruas.

Em Pias, onde também estiveram o almirante Rosa Coutinho e o governador civil, os trabalhadores confraternizaram com o mesmo entusiasmo e vibração das outras localidades alentejanas.

Em Cuba, a participação de 700 trabalhadores transformou a vila numa festa. O nosso camarada João Honrado dirigiu-se aos trabalhadores.

O mesmo entusiasmo, o mesmo calor do Primeiro de Maio comemorado em liberdade, se verificou em Odemira, Amareleja, Barrancos e em muitas outras localidades alentejanas.

Em Vendas Novas estavam mais de 6000 pessoas num comício-festa em que, além dos representantes sindicais, participaram elementos do MFA, do nosso Partido e do MDP/CDE.

Em Montemor, eram mais de 10 000 os trabalhadores e trabalhadoras que festejaram nas ruas o Primeiro de Maio. Houve música por uma banda militar e o entusiasmo foi a nota dominante como o foi também em Arraiolos, Bencatel, Borba e Estremoz.

O PCP na alegria e na adesão

Em Coimbra, a manifestação e a festa popular contaram com a participação de dezenas de milhares de trabalhadores. No início do Estádio Universitário, os participantes ouviram as palavras de Ramiro Correia, membro do Conselho da Revolução, de um representante da Intersindical e do ministro da Educação.

Alguns incidentes, que denotaram como para alguns pouco significa a unidade dos trabalhadores, não chegaram a perturbar a alegria que abundou nas várias realizações festivas com que foi comemorada a Festa dos Trabalhadores em Coimbra.

Na Marinha Grande, houve alvorada, cortejo a pé com banda de música, piquenique e canto livre organizado pelo nosso Partido. Carros alegóricos percorreram a vila. Durante a concentração, falaram representantes sindicais e dos partidos que participaram no comício. Estava presente um representante do Ministério do Trabalho. Como por todo o País, foi grande o entusiasmo e a alegria dos milhares de trabalhadores que comemoraram o Primeiro de Maio numa terra de heróicas tradições de luta antifascista.

Em Faro, o camarada António Dias Lourenço, membro da Comissão Política do nosso Partido e director do «Avante!», falou a milhares de trabalhadores sobre o significado do Primeiro de Maio e referiu-se ao avanço do processo revolucionário. Estavam presentes três membros do Conselho da Revolução e um membro do Secretariado da Intersindical Nacional. Uma das palavras de ordem que mais se destacou foi a de apoio ao MFA.

O entusiasmo e a participação foram grandes também nesta cidade algarvia onde os trabalhadores encheram as ruas para assistir a várias realizações festivas e de elevado sentido unitário. Representantes dos partidos, dos sindicatos, do Conselho da Revolução e da Intersindical juntaram-se ao povo, nas suas manifestações de regozijo e de alegria, nas quais se incluiu uma sessão de canto livre e um espectáculo teatral.

Em Setúbal, no Barreiro e em Almada, houve gente

ficado em casa. As ruas encheram-se de uma multidão de trabalhadores e trabalhadoras de todas as idades e profissões. Viam-se muitos cravos e emblemas. Havia um ar de festa por todo o lado. A noite, dançou-se na rua. Houve concertos e peças de teatro em colectividades e uma grande feira popular em Setúbal, com pavilhões do nosso Partido.

Em localidades como Baixa da Banheira, Sarilhos Grandes, Moita, Palmela, Seixal e muitas outras realizaram-se comícios com larga participação popular, desfiles, exposições, piqueniques e as mais variadas realizações de iniciativa do povo trabalhador, da Intersindical e dos partidos que aderiram às comemorações deste Primeiro de Maio em liberdade.

O nosso Partido esteve presente em todas as manifestações, comícios e outras realizações com que se co-



cular-se em mais de dez mil trabalhadores e trabalhadoras que comemoraram nas ruas o 1.º de Maio. A abrilhantar a festa não faltou a música, não faltaram os foguetes do regozijo popular. Convocada pela União

listas e sabotadores não continuasse a desempenhar a sua suja tarefa de arruaça que nada respeita, mesmo quando se trata de os trabalhadores provocando-os, mesmo quando se reúnem pacificamente para comemorar uma data, para

De novo se provou o que vale o palavreado destes elementos perturbadores que pretendem defender os trabalhadores provocando-os, mesmo quando se reúnem pacificamente para comemorar uma data, para



memorou em todo o País o Dia do Trabalhador. Juntamente com a Intersindical, e ao lado dos partidos que aderiram à festa, os nossos militantes mostraram o calor da sua adesão ao processo revolucionário e às grandes tarefas que temos por diante. Notou-se em todo o lado onde o povo trabalhador saiu para a rua a presença constante e massiva do nosso Partido com as suas palavras de ordem defendendo a unidade das classes trabalhadoras e a aliança do movimento popular de massas com o MFA.

Nessas horas de vibração e entusiasmo ficaram bem patentes a força do nosso Partido e a certeza de que venceremos, respondendo de alma e coração aos desafios que nos são postos pelo avanço das conquistas democráticas rumo ao socialismo.